

# UM SINAL AINDA QUE NO VAZIO: A SUBJETIVIDADE E O MÍNIMO QUE É MAIS EM *VERÃO EM BOTAFOGO*, DE THIAGO CAMELO

Larissa Andrioli (UFJF)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo se propõe a apontar inicialmente os traços de uma nova subjetividade masculina na contemporaneidade. Primeiramente, expomos algumas reflexões e suposições acerca do estado da literatura atual, para, então, nos dedicarmos à leitura de uma obra específica, *Verão em Botafogo*, de Thiago Camelo. Esse artigo é um esboço inicial de um estudo maior e mais complexo sobre as mudanças na expressão masculina que afluíram na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Subjetividade; Delicadeza; Thiago Camelo; *Verão em Botafogo*.

*É, pode ser que a maré não vire  
Pode ser do vento vir contra o cais  
E se já não sinto os teus sinais  
Pode ser da vida acostumar  
Será, morena?  
(Los Hermanos - "Dois Barcos")*

Uma característica que salta aos olhos de quem lê e estuda literatura contemporânea é a multiplicidade da produção atual. Seja na poesia, seja na prosa, o que vemos hoje é uma diversidade significativa de linhas criativas na literatura brasileira. Essa questão é apontada em diversos estudos sobre a escrita

---

<sup>1</sup> Aluna do 7º período de Letras e bolsista de Iniciação Científica no projeto Prática política e poética – lugares da crítica hoje: permanência e superação do olhar modernista, sob orientação da Profª. Drª. Terezinha Maria Scher Pereira na Universidade Federal de Juiz de Fora. Contato: [larissandrioli@gmail.com](mailto:larissandrioli@gmail.com).

contemporânea, como nos livros *Contemporâneos*, de Beatriz Resende (2008), e *Ficção brasileira contemporânea*, de Karl Erik Schollhammer (2009), e parece ser, afinal, a grande marca da literatura contemporânea: uma produção interligada mais pela diversidade que pela semelhança do que produz.

Ainda assim, é possível enxergar, aqui e ali, algumas linhas em que se agrupam autores de agora. Schollhammer fala numa literatura que tem urgência: esta seria a expressão de uma dificuldade em lidar com o mais próximo, fazendo com que o escritor contemporâneo só consiga a aceitar sua realidade ao olhá-la pela margem, nunca capturada diretamente (Schollhammer 2009: 11). Isso criaria uma demanda que seria expressa não só na retomada das formas já conhecidas de realismo, como também na maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva. A partir disso, podemos esboçar algumas das linhas autorais contemporâneas.

Começo pela escrita da violência, que me parece ser a mais forte representante dessa demanda de realismo. É muito bem marcada na prosa, em que conta com representantes como Marcelino Freire e a literatura marginal, que emerge com Ferréz, além daqueles que perpetuam o brutalismo de Rubem Fonseca (que ainda produz), como Ana Paula Maia e Patrícia Melo.

Também é possível reconhecer a existência de uma linha ainda pouco analisada, mas que parece estar começando a se tornar objeto de atenção: a metaficcional. Alguns pesquisadores começam agora a mapear essa produção e é possível apontar já alguns autores que parecem ter uma preferência por fazer literatura sobre literatura, como Antônio Xerxenesky, Joca Reiners Terron e o já veterano Sérgio Sant'Anna. Os impulsos para a produção cada vez maior de textos que refletem sobre o ato de escrever e outras coisas que o circundam são ainda pouco estudados, mas começam a surgir apontamentos sobre o tema.

Um outro viés, e é ele que aqui me interessa mais, é a escrita subjetiva e delicada, que vem ganhando força nos últimos anos, tanto na prosa quanto na poesia. Vencedor do Jabuti de 2009, *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, é um dos grandes expoentes dessa vertente. O livro "é uma ficção que se apropria da experiência de vida" (Schollhammer 2009: 105). O mesmo crítico ressalta que há, tanto na literatura quanto na crítica contemporânea, uma revalorização "[d]a experiência pessoal e sensível como filtro de compreensão do real" (Schollhammer 2009: 106-107). Nessa mesma linha de uma maior sensibilidade na escrita, é possível citar também autores como Michel Laub, Carol Bensimon e Daniel Galera. Esses dois últimos interessam mais por trazerem um importante elemento para a análise que proporei: a melancolia. Recorrente na escrita dos dois, a melancolia parece preencher cada linha de seus livros, como é possível perceber em *Sinuca embaixo d'água* (Bensimon 2009), uma história cuja protagonista nunca aparece, senão pela visão de outras pessoas, visto que morreu num acidente. A narrativa gira em torno das pessoas que a cercavam e que agora só têm como vínculo entre si as lembranças sobre ela. O tom de perda que rege o livro faz com que ele seja dominado pela melancolia que domina, também, a vida das personagens que retrata. Algo parecido ocorre em *Mãos de cavalo*, de Galera (2006). Alternando entre presente e passado do

protagonista, relata uma busca de identidade marcada por lacunas e arrependimentos da adolescência que criaram um adulto amargo e, sobretudo, melancólico.

A recorrência à experiência pessoal, à perda, à melancolia e à amargura não são traços que aparecem somente na prosa contemporânea; também na poesia é possível achar alguns representantes dessa expressão. Na mesma linha de Tezza, Fabrício Carpinejar publicou um livro de poemas em que trata da sua relação com seus filhos, um criado com ele, outro longe dele. O tom pessoal, chegando ao confessional, aproxima-se de *O filho eterno* não só pela temática da relação familiar, mas também por apresentar um pai que revê sua postura diante dos filhos, de forma sincera e arrependida pelas lacunas em seu papel como pai. Outros autores que podem ser vistos como representantes dessa emergente expressão subjetiva são Thiago Camelo, que lançou *Verão em Botafogo* em 2010, livro que relata sua experiência diante da separação, e Everton Behenck, que, em seu *Os dentes da delicadeza* (2010), apoia-se no comum e no cotidiano para impregnar de emoção com um apelo real e necessário, que foge da pieguice.

Trataremos aqui, portanto, da poesia estritamente contemporânea. Uma opinião que soa como habitual hoje em dia é a de que, após o fim das vanguardas, a poesia brasileira teria empobrecido. Apesar de uma *vitalidade quantitativa*, teríamos também uma série de fatores paradoxais a isso: a mercantilização dos espaços de discussão, o espírito do auto-elogio, a midiaticização da subjetividade, os meios de autopublicação e uma ausência de projeto. A relativa falta de clareza de rumos da poética se refletiria na efervescência de tentativas de organizar o sentido de um contemporâneo carente de traços de sua própria identidade (Siscar 2006: 1863).

Mas mesmo essa vitalidade do processo cultural carrega traços de melancolia. Lamenta-se um “neoconformismo político-literário” de uma geração que é regida pela apatia (Hollanda 1998:16 apud Siscar 2006: 1864), encarada como uma fase de transição e desencantos (Cavalcanti 2006 apud Siscar 2006: 1864). Mas o desinteresse pela poesia atual vem mesmo da incapacidade de lidar com os problemas do presente, o que acaba levando a uma canonização pouco crítica de poetas do passado, em detrimento dos atuais. Muito desse descaso tem a ver também com uma dita falta de ambição da poesia atual.

O discurso acerca do descompasso entre a poesia e as grandes questões faz parte do discurso da modernidade. A questão aqui não é a existência ou não da crise, visto que, independentemente disso, o *discurso da crise* existe.

Nesse contexto, preocupa-me o problema das mudanças discursivas e a emergência de novas possibilidades enunciativas. Na literatura contemporânea, vemos surgir a experimentação de novas subjetividades. A literatura, por esse lado, pode se permitir acolher manifestações vivenciadas de afeto que exprimem desejos e valores mais ligados à vida e à biografia do autor, bem como a existência de uma nova dicção literária que encaminha o discurso poético em direção a um minimalismo e a uma experimentação mais intimista.

Em leituras recentes foi possível notar certo elo entre escritores diante da existência dessa melancolia e de uma carregada subjetividade masculina que incomodou por aparecer ligada ao cotidiano e à simplicidade da linguagem, recorrendo, sempre, ao que há de mais poético nas menores construções frasais. Dessa forma, aparecendo repetidas vezes, a questão foi se tornando algo cada vez mais sólido e não somente uma particularidade de um ou outro autor.

Uma questão que parece pertinente aqui é a existência dos meios de autopublicação, como os blogs. É interessante que parta desse ponto as grandes críticas à qualidade literária de hoje, pois que deixa-se de olhar para o que está sendo produzido para focar somente em *como* esse material é articulado.

O ceticismo com que se encara a literatura de hoje é impressionante. O site da Revista Época chegou a publicar uma matéria comparando nossa produção com a portuguesa, perguntando ao leitor por que a literatura lusa era tão melhor que a nossa. Ora, esse discurso da crise literária brasileira tem sido muito vendido, mas pouco estudado a fundo.

É possível ouvir acusações de que a literatura não mais cria o novo, que usa somente da reescrita do que já foi publicado, que recusa as grandes questões da humanidade, que agora se atém ao banal, que não mais tem cuidado com a linguagem. Mas o que mais se vê nas discussões sobre literatura contemporânea é a relação que se produz entre a avaliação da “situação da poesia brasileira” e o discurso da crise. Como afirma Siscar:

A suspeita sobre o esgotamento das possibilidades do literário não é exclusiva de nosso tempo [...] o discurso da crise, ou seja, do descompasso entre a poesia e as grandes questões da realidade, é um fenômeno da modernidade [...]. Eu diria que a poesia moderna surge desse sentimento de crise, afirmando-se a partir da crise, como discurso da crise, ou seja, como sentimento do colapso de seu lugar. (Siscar 2006: 65).

A partir dos sintomas de crise, haveria uma impossibilidade de definir os traços definitivos da produção atual? O certo é que se produz muito e que essa diversidade convive bem, seja num mesmo espaço virtual ou físico. Siscar vai contrapor à crise a ideia da *cisma*: “Pode-se reconhecer na poesia brasileira, nos seus melhores momentos, algo como uma cisma, uma hesitação desconfiada, uma atenção preocupada com relação àquilo que se apresenta como referência traumática ao passado imediato” (Siscar 2008: 47). É, portanto, de se pensar que haja naturalmente um estranhamento entre nós, que estamos vivendo sob o signo de nossa contemporaneidade, e tudo aquilo que nos aparece agora como produção literária. Presenciamos o surgimento de diferentes formas expressivas como o nascimento de um monstro, posicionamo-nos diante do novo julgando-o errado. A leitura de literatura, no entanto, exige um afastamento. O que nos causa espanto hoje pode ser, amanhã, recorrente o suficiente para não chamar mais a atenção. Esse afastamento não deve, de forma alguma, ser traduzido como apatia diante da obra; pelo contrário, a boa literatura opera transformações no leitor e ele deve estar aberto a isso.

Entretanto, a leitura não deve ser feita fixando as obras a determinados momentos históricos nem deve ser justificada por fatos reais – a literatura, ainda que seja inspirada pela realidade, vai além disso, porque sua representação passa também por uma modificação. A verossimilhança não é a realidade. Uma paisagem ou uma cidade verossímeis continuam sendo criadas; nada faz com que sejam reais; são apenas representações, são apenas cópias.

É evidente que as mudanças citadas inicialmente não provocaram transformações no discurso da prosa somente. A poesia, já citada ao falarmos em Siscar, vive um momento ainda mais tenso. Como criar uma obra poética que sobreviva à efervescência das publicações digitais e ao peso da tradição? Tampouco podemos assumir que a constante mudança das relações interpessoais não acabe por afetar a poesia, principalmente a poesia que versa sobre o sujeito e suas relações com o outro e consigo mesmo.

Essas mudanças fazem parte de um rearranjo das identidades na contemporaneidade. A identidade só pode ser um problema quando está em crise, ou seja, quando algo que se supõe fixo é deslocado pela experiência da incerteza. As crises de identidade são características da modernidade tardia e sua centralidade nos debates só faz sentido quando pensada no contexto dos processos sociais que são característicos da vida contemporânea (Giddens 1990 apud Woodward 2000: 20). A crise ultrapassa o sujeito em si e abrange a sociedade em geral.

Diante dessas mudanças sociais que provocam essa transformação identitária, a relação entre os sujeitos também foi transformada. Para afastar os estímulos vindos da velocidade da sociedade moderna, o homem se viu na obrigação de criar um falso individualismo, uma atitude blasé (Harvey 2010: 34). Além disso, é possível notar que a sociedade capitalista passou por uma profunda mudança na estrutura do sentimento. Houve uma significativa mudança na sensibilidade, nas práticas e nas formações discursivas do período pós-moderno, distinguindo-o de um período precedente.

Apesar de abrir aqui a possibilidade de abordar diversos autores, o foco desse artigo será Thiago Camelo, que vem despontando na cena contemporânea como um expoente da linha poética que aqui será abordada. A escolha do autor se deu por este apresentar características interessantes para este trabalho e que serão desenvolvidas no decorrer deste. Dedicuemo-nos, portanto, ao objeto escolhido.

*Verão em Botafogo* (2010) é um livro sobre um coração partido. Mas não só. É também sobre como uma pessoa pode se fortalecer com o abandono e com ela operar uma transformação em seu mundo a partir da decepção amorosa. Transformação essa que pode ser definitiva em muitos sentidos: pode afastá-la para sempre de algo ou alguém, mas também pode fazer com que ela ressignifique uma série de elementos do seu mundo, às vezes fazendo, inclusive, com que o relacionamento que falhou tenha uma segunda chance.

Thiago Camelo prima pelo pouco. E não falo aqui de falta de qualidade ou de profundidade. Seus versos são uma busca incessante da menor unidade poética carregada com o maior significado possível. Assim, podemos notar que sua poesia



parte sempre do mais cotidiano e tenta ser cada vez menor em tamanho (e maior em poesia).

Ora, e por que nos parece interessante dedicar-se ao estudo dessa questão? Como já dissemos, há outras diversas mudanças de rumo na literatura brasileira contemporânea, mas essa em específico nos chama a atenção por mostrar uma mudança muito significativa na postura masculina diante da questão da melancolia, da perda e do amor.

Único livro que Thiago tem publicado, *Verão em Botafogo*, começou a tomar forma num *blog* após uma separação. A editora conheceu seu trabalho, interessou-se e resolveu bancar o projeto. O resultado foi um livro carregado de sentimento e que acompanha uma trajetória subjetiva que tentaremos aqui analisar. Esse livro chama a atenção por trazer em si algo que chamaremos aqui de *escrita da subjetividade*, um traço não muito presente na figura literária masculina (obviamente guardando algumas exceções).

O primeiro poema do livro, chamado “Reza-sal”, indica no primeiro verso a matéria do livro: a perda.

esqueci o jeito da sua voz

faço moinho

venta mais

seca

a tristeza da praia de botafogo

cuida de todas as lágrimas

(Camelo 2010: 9).

Vemos também como para o sujeito poético o ambiente em que ele está absorve seu estado de espírito e mesmo o apoia, cuidando do que precisa de cuidado. É possível enxergar, portanto, uma cumplicidade entre ambiente e sujeito, numa possível retomada dos princípios Românticos, diferentemente de um outro tipo de produção contemporânea, que coloca o redor como alheio ao que se passa com o enunciador.

meus pés encontram o chão e faz sentido

eu, porto seu

você, porto meu

a vida não é uma abstração

se

estamos perdidos e juntos

(Camelo 2010: 10)

O eu-poético é atingido pela compreensão do equívoco da separação. É possível ver que há, na visão do enunciador, uma identificação e uma confiança enormes na figura do outro. A relação parece ter sido baseada não em abstrações, mas em momentos sólidos.

Em “Juntos”, vemos uma demonstração do que falei anteriormente sobre a tentativa de Thiago em carregar de sentido a palavra poética:

dobra o horizonte pra mim  
(Camelo 2010: 11)

O verbo, aqui, possui duplo sentido: ao mesmo tempo em que pode significar multiplicação, também pode falar em divisão. Assim, vemos como cada sentimento na poesia de Thiago é depurado até restar às vezes um único verso que guarda em si outros sentimentos e palavras.

Um pouco à frente no livro, o poeta volta na questão da identificação com o outro.

palavras são grãos  
ajustam-se ao passo

no espaço que nos afasta  
vamos ficando bem pequenos

sumimos

até toda frase lembrar nós  
(Camelo 2010: 13)

Ora, ao afirmar que as palavras ajustam-se ao passo, o eu-poético está afirmando o caráter adaptativo da linguagem. No caso, na vida a dois toda frase lembra “nós” porque a linguagem se adaptou, e cada um deles também se adaptou individualmente, para aos poucos perder sua total individualidade, confundindo-se um no outro.

Em “Novembro em Botafogo”, o poeta vai falar sobre como o desejo convive com a rotina.

cuidar dos dentes pra tomar café  
postura firme pra saber curvar

dia cedo  
madrugada boa

lembrar: distraído encontrar você

sonhar

mas ser  
(Camelo 2010: 15)

Ao mesmo tempo em que pensa sobre atos simples do cotidiano, o eu-poético manifesta um desejo de encontrar a pessoa ausente, mas reafirma que, ainda que sonhando com um possível reencontro, não se pode esquecer de viver a vida real e cotidiana, como também aparece no poema “Reza-tempo”:

atravesso rua  
planejo sonhos  
(Camelo 2010: 21)

No poema seguinte, “Terra (II)”, o poeta trata de como também seu corpo reflete a perda:

já sabem de tudo  
mas sinto  
dos joelhos que doem  
à postura que me entrega  
(Camelo 2010: 16)

O eu-poético mostra, diante da ausência do outro, subordinação, humilhação e derrota, além de uma postura cabisbaixa, que faz com que todos percebam o que lhe ocorreu.

No poema intitulado “Contudo, tento”, o poeta vai falar sobre sua poética do menos.

o que falo é menor  
palavras são peso  
só quero tirar o peso

dizer com o olhar  
o que se força com o olhar

tudo é força

deus, você - e eu  
sabemos que não existe verdade

por que culpar por tentar ser?

deus, você e eu  
ainda  
sem respostas



(Camelo 2010: 17)

Aqui, vemos como se estrutura a construção poética pautada no mínimo. A ideia é traduzir, no menor número de palavras, a força do olhar e a maior carga significativa possível. Há uma referência ao peso das palavras como uma forma de dizer que a linguagem, ao tentar traduzir os sentimentos, não é mais que um peso desnecessário.

Passemos para o próximo poema, intitulado “Caixas”:

a maioria dos risos dela  
é imaginação

mas lembro de verdade  
dos dias em que ela riu  
quando eu disse

*quê?*

é coisa que só eu vou entender  
(Camelo 2010: 18)

É interessante como o poeta fala sobre algo já conhecido: a partir de uma perda, a tendência humana é inventar memórias sobre a pessoa ausente para preencher lacunas existentes no imaginário sobre aquela pessoa. Isso faz com que a lembrança de alguém perdido seja constituída basicamente de memórias inventadas. Por isso mesmo somente o eu-poético pode compreender o que refere no poema: faz parte de um universo íntimo, constituído por uma mistura entre memórias pessoais e memórias inventadas após a perda amorosa.

Um pouco à frente no livro, nos deparamos com um poema que traz novamente a confusão de identidades provocada pela vida a dois; o que volta em outro poema mais próximo do fim do livro:

se eu escrevesse sobre mim  
e você sobre você  
você escreveria sobre mim  
e eu sobre você  
(Camelo 2010: 34)

nada ou certo  
tanto faz

num talvez tão claro  
que dá vontade de tocar

sonho coisas entre nossos espaços

aproximam o redor

você e eu – mesmo sós

nós

(Camelo 2010: 46)

Está presente no poema também a ideia de que haveria uma conexão, um encaixe entre os amantes que apagaria as diferenças entre eles.

No poema intitulado “Dia”, o poeta propõe uma reflexão:

o mal da vida

é não ser o que se é

sem despedida

(Camelo 2010: 38)

No poema, há um questionamento sobre o hábito humano de somente enxergar a vida em sua plenitude após perder algo. Aqui, o poeta se acusa de somente ver o que era bom em sua vida após a despedida da companheira.

Encontramos também outro poema que versa sobre o cotidiano:

sono a dois. dorme por mim

na tv: bobagem

amanhã, conto o que vi

pra você que acorda em sonho

vida a dois

a gente e a liberdade de ser futuro

quando chegar, conta do sonho

pra mim

(Camelo 2010: 44)

O cotidiano é visto aqui como a possibilidade de estender os laços da relação, visto que, na liberdade, enxergam a possibilidade de continuarem unidos. Ainda na temática do cotidiano, mas já pensando na perda, temos em “Inverno no Jardim Botânico” o eu-poético que se mostra, diante da perda, disposto a se agarrar a objetos que antes não faziam parte de seu cotidiano e que agora chegam mesmo a constituir parte dele:

muita saudade

flor lilás, ladeira, frio e vazio

tudo o que não existia agora sou eu

(Camelo 2010: 45)

Ao se terminar de ler o livro vislumbra-se uma resolução para a desilusão amorosa do eu-poético. Em “Agora”, ele faz um convite, demonstrando novamente uma sujeição ao outro, entregando-se para ser mudado:

faz de mim aquilo que você gostava  
(Camelo 2010: 48)

Depois, em “Amor (II)”, desabafa sobre a complexidade de tentar reatar o relacionamento:

tanto nó  
pra desatar e conseguir  
chegar  
(Camelo 2010: 49)

Mas continua a convidar um interlocutor para uma resolução, afirmando que nada que não diga respeito a eles deve se manter sólido, somente eles e o que deve ser superado importam agora:

vamos  
  
uma distância  
um estranhamento  
uma ausência  
um deslocamento  
  
o resto se desfaz no que não é de nós  
(Camelo 2010: 49)

No penúltimo poema do livro, o poeta expressa por fim sua concepção de mundo, baseada na existência do ser amado, que, ainda que suposto em sonho, acolhe o eu-poético no vazio – o que ocorre de forma parecida na mulher inventada de Everton:

se você não existisse  
mesmo assim  
seria  
ainda que no vazio  
teria  
qualquer sinal seu: um aviso  
de que a vida  
é feliz  
  
mesmo supondo  
você

num sonho

ou no caminho  
de volta pra casa

pensar acolhe  
(Camelo 2010: 51)

Finalmente encerrando o livro, há um poema de uma delicadeza ímpar, que fala sobre o reencontro com a pessoa perdida, que mostra uma insegurança causada pelo estranhamento mencionado no poema anterior, ainda que aparentemente disposta a um entendimento, o que pode ser visto pelos traços cada vez mais reconhecidos pelo eu-poético. A unidade dos dois é novamente exposta, dessa vez na semelhança das mãos.

traços cada vez mais definidos  
toda gesto e voz

segura e desprotegida  
riso num soluço de choro

dedos grossos, mãos pequenas  
como as minhas  
(Camelo 2010: 52)

Assim, podemos notar em Thiago Camelo uma expressão poética atípica na figura masculina contemporânea. Essa escrita da delicadeza tem, no entanto, se mostrado mais presente na contemporaneidade, parecendo-me, portanto, que deva ser mais profundamente estudada. O que se trouxe aqui foi uma breve representação que aborda somente um dos escritores que demonstram a inclinação subjetiva, sendo, portanto, óbvio que deve e irá ser aprimorada tanto em quantidade de objetos quanto em profundidade de análise.

Parece ser evidente, entretanto, que algo vem acontecendo na sociedade contemporânea para que sejam tantos os autores que, em meio à ebulição da literatura marginal e recheada de sangue e à tendência de se debruçar sobre a própria escrita, resolvam se voltar para o interior melancólico e complexo do ser humano. Talvez constitua um protesto, uma resistência à banalização pessoal e ao excesso de informação contemporâneos que impedem que nos aprofundemos uns nos outros. Talvez não. Em todo caso, investiguemos.

## EVEN IN THE EMPTINESS SOMETHING YOURS: SUBJECTIVITY AND THE MINIMAL THAT BECOMES MORE IN *VERÃO EM BOTAFOGO*, BY THIAGO CAMELO

**Abstract:** The present article aims to start a study about a new male subjectivity in the present days. First, it presents some reflections and ideas about the current literature and then it is dedicated to the reading of a specific book, *Verão em Botafogo*, by Thiago Camelo. This article – that will be developed in the future – is an initial sketch of a bigger and more complex study about the contemporary changes in male expression.

**Keywords:** Subjectivity; Tenderness; Thiago Camelo; *Verão em Botafogo*.

### REFERÊNCIAS

BEHENCK, Everton. *Os dentes da delicadeza*. Porto Alegre: Não Editora, 2010.

BENSIMON, Carol. *Sinuca embaixo d'água*. São Paulo: Companhia das Letras,

CAMELO, Thiago. *Verão em Botafogo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.

GALERA, Daniel. *Mãos de cavalo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna - uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SISCAR, Marcos. As desilusões da crítica de poesia. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 10., 2006. *Anais*. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br>>, 2006. Acesso em: 18 set. 2011

\_\_\_\_\_. Poetas à beira de uma crise de versos. In: PEDROSA, Célia; ALVES, Ida (Org.). *Subjetividades em devir*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

TEZZA, Cristovão. *O filho eterno*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

VENTICINQUE, Danilo; GIRON, Luís Antônio. Os donos do português. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI242480-15220,00.html>>

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeus da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

---

**ARTIGO RECEBIDO EM 01/03/2012 E APROVADO EM 19/03/2012.**